

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

JEFERSON DA SILVA

A POÉTICA DA FOTOGRAFIA QUE O OLHO NÃO VÊ

**CRICIÚMA
2014**

JEFERSON DA SILVA

A POÉTICA DA FOTOGRAFIA QUE O OLHO NÃO VÊ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Msc.Sérgio Honorato

CRICIÚMA

2014

JEFERSON DA SILVA

A POÉTICA DA FOTOGRAFIA QUE O OLHO NÃO VÊ

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas

Criciúma, 25 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Sérgio Honorato - Mestre- (UFSC) - Orientador

Prof. Alan Cichela -Especialista - (UNESC)

Prof. Jeferson Luis de Azeredo - Mestre- (UFRGS)

**Dedico meu projeto a minha família, esposa
e filhas, minha mãe e irmãos.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por nos dar a vida e a capacidade de pensar, agradeço também as pessoas que acompanharam minha trajetória até aqui, minha família e amigos.

Um agradecimento especial ao artista Diego de Los Campos que me apresentou em sua oficina “gambiarras” a possibilidade de fazer fotos macro com sucatas tecnológicas.

Um agradecimento especial a Daiane, minha esposa e amiga, que caminha ao meu lado me ajudando e apoiando, e meus bens maiores, que são minhas filhas Alanis e Taila, que nos motivam para lutar diariamente em busca de evolução.

Pensar a fotografia não implica apenas refletir sobre certo tipo de imagem ou sobre um sistema de trocas simbólicas. Tal reflexão requer bem mais, pois, desde o início, a fotografia demonstrou ser um agente de conformação da realidade num processo de montagem e de seleção, no qual o mundo se revela, "semelhante" e "diferente" ao mesmo tempo.

FABRIS

RESUMO

A presente pesquisa caminha no sentido de explorar um universo pouco conhecido pela maioria das pessoas, onde utilizo os recursos da fotografia macro para trazer à luz o resultado de minhas experiências, tendo como objetivo explorar novas possibilidades de arte, através da fotografia, perceber como a macrofotografia pode produzir arte contemporânea, fazer fotos de ambientes microscópicos e manipular digitalmente com o programa de computador Photoshop. Foi desafiador resolver de que forma a poética do registro da fotografia macro, dialoga com a produção artística contemporânea e como esse diálogo pode vir a alimentar novas produções. Minha pesquisa é básica com abordagem qualitativa, na linha de artes visuais, utilizando a fotografia e manipulação digital. Através de minha pesquisa obtive resultados satisfatórios para minha produção de arte contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Macrofotografia; Arte; Arte contemporânea.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Série After Wahrol: Monalisa em creme de amendoim e geléia.	20
Figura 2 – Genesis. Namíbia, 2005.....	21
Figura 3 - Grupo Dinka num campo de gado em Pagarau, no Sul do Sudão, em 2006	21
Figura 4 – Miolo da flor de Arnica, 2013.....	28
Figura 5 – Flor do Mato, 2013.	28
Figura 6 – Miolo flor de picão, 2013.	29
Figura 7 – Mato, 2013.	29
Figura 8 – Mato, 2013.	29
Figura 9 – Pedra brita, 2013.....	30
Figura 10 – Miolo do Dente-de-leão, 2013.	30
Figura 11 - Textura de um graveto com espessura um pouco maior que um fio de cabelo, 2013.....	31
Figura 12 - Miolo de uma flor de 2 mm, 2013.....	31
Figura 13 - Folha da flor de 2mm, 2013.	32
Figura 14 - Textura microscópica de uma folha seca, 2013.....	32
Figura 15 - Formiga retorcendo1, 2013.....	32
Figura 16 - Formiga retorcendo 2, 2013.....	33
Figura 17 - Marcel Duchamp (1917).....	35
Figura 18 - Marcel Duchamp- Roda de bicicleta (1913)	35
Figura 19 - Um olhar para o novo mundo, 2014.....	37
Figura 20 - Produção artística na exposição 25/06/2014	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OLHARES METODOLOGICOS	11
3 A FOTOGRAFIA	12
3.1 O INÍCIO	14
4 FOTOGRAFIA COMO ARTE	16
4.1 FOTOGRAFIA COMO ARTE CONTEMPORÂNEA	17
4.2 TEORIAS DO BELO NA ARTE.....	22
5 MACROFOTOGRAFIA	24
6 O COMEÇO DA PESQUISA- ENTRE O OLHAR E A POÉTICA	27
6.1 A INVESTIGAÇÃO EM TORNO DO NOVO MUNDO.....	30
6.2 ANÁLISE.....	33
7 OBRAS- UM OLHAR PARA O NOVO MUNDO	36
8 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa caminha no sentido de explorar um universo pouco conhecido pela maioria das pessoas, ambientes e lugares que não enxergamos profundamente, um mundo microscópico e invisível, em que o olho humano vê até um determinado ponto. Calvino contribui quando afirma “os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas” (2004, p.17).

Busquei trazer para o mundo visual através da fotografia macro imagens de elementos que não conhecemos profundamente, explorei formas, cores e texturas para poder, através das linguagens artísticas elaborar uma produção de arte contemporânea.

A ideia desta proposta surgiu em uma oficina de arte em que havia como desafio, aproveitar sucatas tecnológicas para elaborar equipamentos para auxílio fotográfico, e com esses experimentos, obtive resultados satisfatórios para propor essa pesquisa; Alves afirma “mas, de todos os objetos, os mais difíceis e sutis são as ideias” (2005, p.8).

Portanto, as ideias que surgiram enquanto fotografava, foi a observação de texturas e formas em pequenas pedras e folhas secas, que me deram possibilidades de pensar em uma pesquisa de macrofotografia.

Nessa oficina percebi que existe um mundo não muito explorado artisticamente, e uma pesquisa nesta área poderia contribuir para estimular a produção fotográfica mais abrangente neste campo, atraindo a atenção do público para novas experiências em fotografia e imagens macro.

Para Cotton “não se deve pensar que esse tipo de fotografia se dedica basicamente a tornar visível aquilo que é um não tema, ou as coisas do mundo desprovidas de simbolismo visual” (2010, p.115).

Esse projeto de pesquisa me faz pensar de que forma através da macrofotografia posso elaborar uma obra de arte contemporânea, busquei resolver esse problema com pesquisa em fotografia macro.

Minha curiosidade aumenta, aguçando meus sentidos para buscar as informações necessárias para elaborar minha obra de arte.

Para Módolo “o universo se desdobra diante de nossos olhares curiosos rumo ao infinito”. (2009, p.13).

Então desta forma os objetivos deste trabalho estão em torno de explorar novas possibilidades de arte através da fotografia, e buscar uma maneira de produzir arte contemporânea através da macrofotografia, explorando formas desconhecidas, avaliando ao longo da história da arte como a fotografia se inseriu neste contexto e quais caminhos serão percorridos na construção da produção artística contemporânea.

Utilizar da macrofotografia e elaborar uma obra de arte contemporânea a partir dos estudos e experimentos realizados sobre a fotografia e a macrofotografia, procurando entender de que modo posso através da arte digital exercitar um olhar artístico.

A trajetória do TCC é desencadeada pelo seguinte problema: De que forma a poética do registro fotográfico de elementos que o olho humano não vê, dialoga com a produção artística contemporânea e como esse diálogo poderia vir a alimentar novas produções? As questões que norteiam a pesquisa são: Como fazer fotos em macro utilizando material de baixo custo? A iluminação influencia no resultado das fotos em macro? Como manipular as imagens obtidas e transformar em obra de arte contemporânea? Como a macrofotografia é usada na produção artística contemporânea?

Como objetivo geral, procuro elaborar uma obra de arte contemporânea a partir dos estudos e testes realizados sobre a fotografia e a macrofotografia procurando entender de que modo posso através da arte digital exercitar o olhar artisticamente. E como específicos pretendo Fazer fotos de ambientes microscópicos e manipular digitalmente com o programa Photoshop, buscando imagens instigantes que através do meu olhar fotográfico possa construir uma obra contemporânea, pesquisar macrofotografia, exercitar um olhar artístico para futuras produções em arte contemporânea e buscar um processo de criação em arte através do auxílio de tecnologia digital.

2OLHARES METODOLOGICOS

Atua na linha de pesquisa em Processos e Poéticas no curso de Artes Visuais, Bacharelado, pois têm como base os fundamentos em arte contemporânea, suas tecnologias, o processo de criação, reflexão e as poéticas de artes visuais.

A poética da fotografia que o olho não vê traz a questão: de que forma a poética do registro fotográfico de pequenos elementos dialoga com a produção artística contemporânea? O trabalho apresenta fotos de seres microscópicos manipuladas digitalmente com o programa Adobe Photoshop, em que as imagens produzidas através do meu olhar fotográfico possam ser expostas como obra contemporânea.

Segundo Minayo “nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos”. (1994, p.18).

Utilizando-se da fotografia e manipulação digital, sendo uma pesquisa básica, com abordagem do problema qualitativo, que para Minayo é “a abordagem qualitativa que se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. (1994, p.22).

O campo explorado é a natureza em geral nos seus mínimos detalhes, onde o período de coleta de imagens de campo aconteceu nos meses de fevereiro a maio do ano de 2014.

Portanto, como Minayo supõe: “A técnica de observação se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (1994, p.59).

Sobre a obra que realizei, fiz algo com a intenção de mostrar ao espectador formas desconhecidas, as imagens obtidas foram de objetos colocados sobre uma moeda de um real que usei como suporte, a moeda é um objeto conhecido por todos, isso serviu de escala de comparação do tamanho real do objeto de pesquisa fotografado em macro.

3 A FOTOGRAFIA

A fotografia é um ato de registrar momentos importantes para a humanidade, surgiu em meio a novas mídias visuais revolucionando o ato de pintar, revolucionando a arte.

Kubrusly (1991, p.8) nos faz observar esta questão;

Afinal o que é fotografia? A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagens de tudo que nos cerca? Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer? Ou a possibilidade mágica de preservar a fisionomia, o jeito e até mesmo um pouquinho da alma de alguém que gostamos? Ou apenas uma ilusão?

Podemos refletir, assim como o autor, que a fotografia pode ser tudo isso e muito mais, um ato de registrar momentos que ultrapassa algumas barreiras desde o seu invento, verdadeira fonte de magia que revolucionou o mundo, deixando para nós momentos históricos registrados com clareza.

A fotografia assumiu um processo de abertura e conscientização, porque motivou ou produziu reflexões que nos ajudaram tanto a enfrentar os preconceitos históricos quanto a reconhecer nas imagens que produzíamos cotidianamente um universo de sentidos menos óbvios. Podemos pensar a fotografia como um instrumento de memória, um instrumento que gerou a democratização tanto de imagens quanto da arte, antes dada apenas a pessoas que tinham tais habilidades, citando como exemplo a pintura.

Kubrusly corrobora quanto a este assunto quando argumenta que “a fotografia trazia em si vários aspectos democratizantes”. (1991, p.10).

Desta forma, podemos analisar que com a fotografia, o acesso e a transformação da arte tornaram-se uma porta para o mundo da produção artística, para pessoas que se propuseram a se aventurar no mundo da fotografia.

Todavia, Kubrusly (1991, p.18) dialoga que;

Se examinarmos um trabalho artístico comum sob poderoso aumento, todos os traços de semelhança com a natureza desaparecem; aqui, o mais minucioso exame revela apenas a mais absoluta verdade, a mais perfeita identidade de aspecto com a coisa representada.

Neste caso, Kubrusly relata a impressão que um funcionário de um banco teve em relação à fotografia, ele relata com esplendor a chegada de uma nova era em termos de registro de imagens. Podemos observar a evolução da fotografia e como a arte ficou em relação à mesma.

Considerada por alguns pintores uma ameaça, a fotografia abriu-se como um mundo de opções fazendo-se presente em muitos lugares e registrando momentos do cotidiano, tornando-se história.

Para Barthes (1984, p.51);

Isso a fotografia pode me dizer, muito melhor que os retratos pintados. Ela me permite ter acesso a um infra-saber; fornece-me uma coleção de objetos parciais e pode favorecer em mim certo fetichismo: pois há um “eu” que gosta do saber, que sente a seu respeito como que um gosto amoroso.

Um saber que ela, a fotografia, proporcionou a todos nós, o que é impresso no papel não pode ser questionado. É o que está ali, a verdade pura, o ato do momento, eternizado nas imagens.

Barthes argumenta que “toda fotografia é um certificado de presença. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família das imagens” (1984, p.129). Como o autor menciona é o certificado do ato que foi registrado, uma vez registrado e impresso, não há mais como voltar no instante capturado pela lente da máquina fotográfica.

Barthes (1984, p.130) ainda admite que:

Talvez tenhamos uma resistência invencível para acreditar no passado, na História, a não ser sob forma de mito. A fotografia, pela primeira vez, faz cessar essa resistência: o passado, doravante, é tão seguro quanto o presente, o que se vê no papel é tão seguro quanto o que se toca.

Torna-se desta forma um marco na história da humanidade, o registro da imagem feita por máquinas, utilizando-se da mão do homem pra tais feitos.

Neste processo a fotografia tem um começo, mas podemos analisar que não existe o seu fim.

3.1 O INÍCIO

Desde a invenção da fotografia em 1839, questões em seu relacionamento com arte foram muito debatidas. Contando com apoio de alguns e nem tanto de outros, ela se propagou e está em nosso meio cada vez mais forte

Borges (2003, p.24) discorre sobre a fotografia e sua história:

Quando a fotografia surge em 1826, suas imagens contaram com o apoio de diversos homens da ciência, além de indústrias, comerciantes e políticos. Já em 1839, François Arago (1786-1853), membro do parlamento Francês, promove uma reunião conjunta da Academia de Ciências e Belas Artes da França com o objetivo de exaltar sua natureza precisa e exata.

Como podemos observar, a fotografia teve apoio em diversos campos, desde a ciência até os políticos. Porém, causou certo desconforto, tanto no seu uso como documento histórico, quanto no seu emprego na arte.

Borges (2003, p.35) ainda corrobora quando menciona;

Enquanto isso a fotografia ia sendo utilizada, cada vez mais, por todos os seguimentos das sociedades modernas. Independentemente da resistência dos membros da comunidade praticante da historiografia metódica, suas imagens divulgam os feitos dos homens públicos e o cotidiano dos homens e mulheres de diferentes classes sociais.

Na sociedade, a fotografia tornou-se cada vez mais comum entre as pessoas, apesar das duras críticas empregadas, ela elevou a humanidade à outra era, a era da reprodutibilidade. Transformou o modo de enxergar a história e também a arte. A imagem passou a ser a representação fiel, tal e qual a realidade.

Justamente por considerar todos esses aspectos, que as fotografias nos impressionam, nos comovem e nos incomodam, enfim, imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes. Nosso cotidiano está repleto de imagens fotográficas em jornais, revistas, computadores, outdoors, um emaranhado de imagens que comunica-nos os acontecimentos.

Monteiro (2012, p.11) diz que “a partir do século XIX a fotografia vai tomar o seu lugar nesse mundo das imagens, ao qual vem alterar de forma radical o contexto da Revolução Industrial ou Revolução Tecnocientífica”.

A fotografia é uma forma de mediar e comparar a realidade entre o que aconteceu em determinada época, com o que acontece no presente, ela carrega consigo uma carga muito grande, sobre informação, ou mesmo reflexão.

Na arte, a fotografia passou a ser muito usada e considerada uma forma híbrida de expressão. Borges (2003, p.39) nos revela que;

É importante lembrar que, entre os anos 20 e 40 do século XX, momento da chamada Revolução surrealista, muitos já conceituavam a fotografia como imagem híbrida. Juntamente com as obras de pintores como Miró, Picasso, Salvador Dalí, Max Ernest, as colagens do fotógrafo Man Ray (1890-1976) subverteram as tentativas anteriores de reduzi-la ora a um mecanismo estético.

A avaliação que podemos considerar sobre a historia da fotografia é que ela nasceu como um mecanismo de ajuste para ajudar na memória, na expressão e na forma comportamental dos seres humanos.

4 FOTOGRAFIA COMO ARTE

Como vimos no capítulo anterior, existe um debate que vem sendo abordado há muito tempo, desde sua invenção sobre a fotografia como arte, onde ela percorreu um longo caminho até chegar ao status que exerce atualmente.

A fotografia se tornou uma forma de expressão visual. A imagem não é apenas reproduzida pela máquina, mas é a ideia que surge através do olhar do fotógrafo, porém nem sempre foi desta forma.

Segundo Entler (2007, p.5), quando a fotografia surgiu no século XIX, conquistou rapidamente a atenção e a simpatia de muitos, mas teve de enfrentar duras críticas vindas de artistas que não reconheciam seu caráter estético.

Podemos acompanhar o raciocínio de Charles Baudelaire, poeta e crítico francês, que acusava a fotografia como acusa a futilidade da burguesia, tentando de alguma forma salvar a pintura de uma suposta catástrofe. A fotografia como cópia real da imagem, era tida como essencial para muitas coisas, incluindo a ciência, mas para a arte não demonstrava o menor interesse de tê-la como um modo de expressão visual.

Charles Baudelaire (1959) em Carta ao Sr. Diretor da Revue française sobre o Salão do mesmo ano diz que;

É preciso, então, que ela (a fotografia) retorne ao seu verdadeiro dever, que é o de ser a serva das ciências e das artes, a mais humilde das servas, como a imprensa e a estenografia, que nem criaram e nem suplantaram a literatura. Que ela enriqueça rapidamente o álbum do viajante e devolva seus olhos a precisão que faltava à sua memória. [...] que ela seja, enfim, a secretária e o guarda-notas de quem quer que precise, em sua profissão, de uma absoluta precisão material, até ai, nada melhor.

Ao fazermos uma relação às palavras de Baudelaire, podemos discordar em alguns aspectos, pois à fotografia pode ser vista como arte atualmente porque foram feitas aproximações para que ela se tornasse uma produção artística, ora transformando-se em gravuras, ora tentando aproximar-se da pintura, devemos observar que não existe apenas a máquina registrando, mas também o olhar do homem através da lente da mesma.

A fotografia como arte é algo mais do que só o reflexo emitido no papel, é algo que podemos verificar com veemência a arte e a expressão que nos é

empregado ao analisar minuciosamente uma fotografia-arte.

Falar da fotografia somente como agente de imagem implicaria em muitos conceitos e preconceitos, pois, desde sua criação ela empregou papel fundamental na retratação da história e também na arte, em que a imagem pode mostrar a realidade semelhante ou diferente, aos olhos de quem a percebe.

Kossoy (2009, p. 49) acrescenta;

Há um olhar e uma elaboração estética na construção da imagem fotográfica. A imaginação criadora é a alma dessa forma de expressão; a imagem não pode ser entendida apenas como registro mecânico da realidade factual.

Desta forma, utilizando-se dessa imaginação, podemos observar que para a fotografia, a arte é onde a composição é fundamental, o saber, onde o fotógrafo decifra com veemência o olhar e o acaso, onde o mesmo transforma o imprevisto em uma bela fotografia.

Podemos observar o contexto que esses requisitos na fotografia percorrem um caminho para ser considerada arte, em que a população pode transformá-la e exercer sua prática. Scharf (apud Fabris, 2009, p. 41) corrobora com esse pensamento. “Se nós vemos a verdade na fotografia, e se a verdade em sua forma exterior fascina o olho, como pode, então, deixar de ser beleza? E se aqui se encontram todas as características da arte, como pode não ser arte?”.

Neste contexto, a fotografia como arte entra nos museus, muitas vezes idealizado por amadores, ou profissionais de outras áreas, contudo na arte contemporânea o artista tem que usar o seu olhar diferenciado para a proposta de seu projeto e mostrar à beleza, a estranheza, a verdade e características para a fotografia se tornar arte.

4.1 FOTOGRAFIA COMO ARTE CONTEMPORÂNEA

A arte contemporânea explora vários âmbitos e formas de expressão, os artistas rompem barreiras, inventam novas formas de criação para sua arte.

Cocchiarale (2006, p.14) nos permite pensar a respeito quando argumenta que “o artista contemporâneo nos convoca para um jogo onde as regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de

serem estabelecidas”. Ela não é centralizada, e sim autônoma, caminha para a representação da vida tal qual como ela é.

Cocchiarale (2006, p.15) completa;

A arte contemporânea (...) esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida (idem).

Sendo assim, as formas de expressão são rotineiramente utilizadas na arte contemporânea, sendo empregadas muitas vezes mais de uma técnica na construção de uma obra.

A fotografia como vimos, tornou-se uma forma de expressão que se popularizou e é utilizada de diversas formas do trabalho artístico.

Mauad (1996, p. 12) nos informa que;

A fotografia comunica através de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem. Portanto, sendo a produção da imagem um trabalho humano de comunicação, pauta-se, enquanto tal, em códigos convencionalizados socialmente, possuindo um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas como mensagens.

A imaginação diante de uma fotografia nunca passa despercebida, onde ela reflete o passado, sendo o de alguns segundos atrás, meses, ou mesmo anos. Existe a imaterialidade do que o artista representou e o que realmente existe na imagem.

A fotografia instiga, nos revela, nos faz refletir. Entler (2007, p.6) escreve sobre a autoafirmação da fotografia no espaço da arte contemporânea;

Por vezes, dizem respeito ao modo como essas imagens são produzidas e exibidas a partir de dinâmicas determinadas pelas instituições artísticas, e não pelas agências de comunicação, pelas instituições científicas ou pelos rituais familiares. Em termos de resultados essas fotografia das bienais e das galerias não está, como antes, preocupado em parecer menos utilitário, mais diletante, mais erudita, menos ingênua. Isto é, vemos também nesses espaços imagens que com forte tom publicitário, ou jornalístico, ou documental, mas invariavelmente marcadas por dinâmicas e discursos que as colocam numa posição de obra conceitual.

Desta forma, a fotografia como obra de arte nos mostra a expressão, uma experiência da representação da imagem. A poética do autor da obra, o diálogo com

o processo se insere dentro da fotografia e se converte no olhar do artista em questão.

Podemos citar alguns trabalhos dentre vários que se utiliza da fotografia para expressar-se em suas produções artísticas como Sebastião Salgado, sendo principalmente jornalista, mas que usa seu olhar curioso e transforma suas fotografias em verdadeiras obras de arte e Vik Muniz, cada um com seu estilo bem próprio.

Sebastião Salgado teve bastante visibilidade ao mostrar principalmente a parte excluída da sociedade em seus trabalhos, trabalha com fotografias em preto e branco. Como exemplo, a Mostra Êxodo, onde retrata o elemento Homem x Natureza, utilizando um jogo de luzes e sombras, realçando aquilo que é desejado.

Vik Muniz (Figura1) tem um estilo próprio, experimenta várias técnicas artísticas, o diferencial de seus trabalhos são os materiais inusitados que constrói seus trabalhos, utiliza sucatas recicladas, restos de demolições, calda de chocolate e açúcar entre outros. A arte de Vik Muniz é considerada efêmera devido à perecibilidade dos materiais empregados nos trabalhos, por isso o artista utiliza-se da fotografia para registrar e expor.

Dessa forma Figueiredo (21 de abril de 2011) para a Revista Fotografia comenta;

Vik Muniz, 50, é um artista plástico, fotógrafo e desenhista brasileiro muito conhecido no exterior, onde vive desde os 23 anos. Começou a trabalhar com arte fazendo esculturas e depois incorporou a fotografia em seus trabalhos, sempre registrando suas obras. “Comprei minha primeira câmera apenas aos 27 anos”, conta. Boa parte delas são desenhos criados com materiais diversos como arame, açúcar, chocolate, doce de leite, catchup, poeira e sucata. ‘Não é bem o material ou o tema, o inusitado é como essas coisas se relacionam’. O retrato de Monalisa em pasta de amendoim e geléia, Elizabeth Taylor desenhada com diamantes e o Frankenstein em caviar são obras da série ‘The best of life’.

Figura 1 – Série After Wahrol: Monalisa em creme de amendoim e geléia.



Fonte: <http://www.revistafotografia.com.br/vik-muniz/>

E sobre as produções de Sebastião Salgado Koneski (2008, p.64) nos faz refletir que;

Mais especificamente na Mostra Êxodo, por exemplo, a “outridade”, a meu ver, evidencia-se como inerência essencialidade radical, pois no desejo de compreender a imagem encontramos os “vestígios”, esbarramos com o Outro levinasiano, uma alteridade marginalizada que se dá pelas vias éticas da resistência que causa, paradoxalmente, angústia e desejo. Angústia porque nos “põe” diante do Infinito, do desconhecido, e Desejo porque nos incita a buscar o desconhecido. Esse Outro que encontramos nas obras de Sebastião Salgado convoca-nos para uma responsabilidade infinita diante da dor do outro ser humano. Essa resistência dá-nos a dimensão do mistério da dor do Outro, só que tal dimensão ultrapassa a nossa possibilidade de compreensão e põe-nos diante do Absolutamente Outro.

Desta forma, o autor nos revela o outro nas fotografias de Sebastião Salgado e nos faz absorver de certa forma o que o outro ou a natureza têm a nos oferecer. As fotografias de Sebastião Salgado nos revelam as alteridades e também a cada um de nós. Permitem-nos observar e imaginar cenários dos quais tais pessoas ou mesmo a natureza pertencem e associá-las a nós mesmos.

Figura 2 – Genesis. Namíbia, 2005



Fonte: <http://curiator.com/art/sebastiao-salgado/genesis-namibia>

Figura 3 - Grupo Dinka num campo de gado em Pagarau, no Sul do Sudão, em 2006



Fonte: <http://msalx.bravonline.abril.com.br/>

Essa imaginação que Sebastião Salgado nos permite ao olhar suas fotografias Ostrower (2003, p.38) define como;

O contexto essencial, que não deve ser esquecido ou relegado, é o do homem. Todos os acontecimentos, tudo o que nos possa afetar e o que possamos querer saber, têm em comum o homem e a cultura humana. Estão ligados a partir do homem, através do homem, em relação ao homem. Estão ligados no vivenciar a vida que é global e não especializada.

Neste contexto, podemos definir a fotografia como sendo o meio do registro destas imagens, onde elas nos remetem ao cenário em questão.

Colocá-las em certa ordem da criação é como Ostrower (2003, p.166) define; “Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. E é do mesmo modo necessário”.

4.2 TEORIAS DO BELO NA ARTE

Ao observar exposições de arte, as pessoas na sua maioria se deparam com diversas questões, cada um tem um olhar diferente, uma opinião, questões como: para que serve isso? Qual finalidade? A arte é para ser bela?

Na arte contemporânea parece ser mais complicado ainda, pois as linguagens são diversas e cada vez surge novas ideias.

Hegel (1999, p.167) corrobora quando argumenta;

A verdadeira arte não pode, por isso, ser uma mera exatidão, ao que se limita a assim chamada imitação da natureza, mas o exterior deve concordar com um interior que em si mesmo concorda consigo e justamente por meio disso pode revelar-se enquanto si mesmo no exterior.

O autor nos faz refletir que a arte não é a cópia exata da natureza, é algo mais, o exterior do trabalho artístico reflete o que o artista tem em mente, por isso não conseguimos saber ou adivinhar o que o mesmo pensou quando produziu.

Lacoste (1986, p.20) corrobora:

Existe, pois, em Platão, uma arte do belo, mas essa arte é a dialética, a arte suprema segundo o Filebo, e não uma das belas-artes no sentido moderno (saber produzir belas coisas que dão prazer). A arte platônica do belo procura purificar o prazer e substituí-lo pela apreensão intelectual das essências.

O que podemos analisar é essa busca do belo que é procurado nas produções artísticas, enquanto perceber algo a mais, é o que torna a produção bela, o olhar de quem a vê, precisa estar atento e treinado para poder fazer uma análise correta da arte.

Devemos ter em mente que não podemos exigir do artista que sua produção seja como queremos, muitas vezes não compreendemos a essência das produções que são feitas atualmente.

O belo pode estar em qualquer lugar basta tentarmos desconsertar e desconstruir o nosso olhar, esse olhar que está repleto de imagens que são consideradas belas e perfeitas.

Lacoste (1986, p.22) argumenta que:

A arte, com efeito, opõe-se á natureza na medida em que a produção de uma "obra de arte" (o fazer) se distingue do simples efeito natural, do agir, porquanto supõe uma liberdade que coloca a razão na base de suas ações. A obra deve sua forma a um fim que é pensado antes que essa obra seja realizada.

Pensar na obra, na sua estética para defini-la em um conceito, por vezes é quase impossível, ou melhor, buscar não na objetividade do belo, mas no próprio juízo humano a razão do sentimento estético que o autor da obra propôs a verdadeira essência das produções que o artista insinuou.

Em História da beleza, Umberto Eco (2004, p. 406) aponta a poética do objeto encontrado:

Como alguém que, passeando ao longo de uma praia, descobre uma concha ou uma pedra polida pelo mar e as leva para casa, colocando sobre a mesa como se fossem objetos de arte capazes de manifestar sua inesperada Beleza. [...] No momento em que são descobertos e isolados, "enquadrados", oferecidos à nossa contemplação, estes objetos carregam-se de um significado estético, como se estivessem sido manipulados pela mão de um autor.

Dessa forma encontramos questões relevantes a esta pesquisa, encontrar o belo e transformá-lo em uma produção artística contemporânea, utilizando-se do inusitado e do que estamos acostumados a ver no quintal de nossa casa, mas que não damos muita importância. Oferecer à imagem a contemplação e significados assim como Umberto Eco nos fala.

5 MACROFOTOGRAFIA

A macrofotografia nos revela um mundo inimaginável, traz à tona a visibilidade de pequenos objetos, pequenos elementos da natureza que não são perceptíveis a olho nu.

Tacio Philip da Revista Macrofotografia (2013, p.8), traz seu entendimento quanto à macrofotografia;

A macrofotografia, fotografia macro ou fotomacrografia, diferente do que encontramos ao fazer uma pesquisa de imagens, é muito mais restrita e bem definida há décadas. E diferente do senso comum, a macrofotografia não está relacionada ao tema fotografado, mas sim ao tamanho que este é fotografado, seja ele um girino, um fungo, uma flor, um inseto, um objeto ou o que quer que seja.

A macrofotografia tornou-se de suma importância para as ciências e entre outros campos, portanto desempenhando um importante papel para a sociedade neste sentido.

Ela pode nos trazer um mundo infinito de possibilidades, mostrando-nos que ao nosso redor existem muitas coisas a serem explorados, muitos caminhos que se não estivermos atentos e com o olhar direcionado para os objetivos que pretendemos alcançar, simplesmente passam despercebidos.

Juarez Silva (INSTITUTO, 2006) para o Instituto arte na escola analisa que: “A macrofotografia é muito interessante porque você tem objetos muito pequenos que normalmente passam despercebidos. Só que é outro mundo, um mundo diferente. Você vê uma coisa muito pequena, mas com vida”.

Podemos então caminhar neste sentido, com Juarez Silva ao revelar e desvendar os mistérios que existem além do que podemos enxergar.

Fotografar se tornou algo comum para as pessoas, porém a essência da beleza encontrada na macrofotografia em revelar o que a mãe natureza nos proporciona, torna-se motivo mais que especial para alguns fotógrafos em retratar flores, insetos em que a maioria das pessoas passa longe.

Tacio Philip Sansonovski, para a Revista Macrofotografia (2013) reforça neste sentido que “a macrofotografia é um ramo da fotografia voltado aos pequenos objetos, mostrando aos nossos olhos detalhes, muitas vezes, invisíveis a olho nu. Esse provavelmente é um dos motivos de seu encanto”.

A macrofotografia é um campo extenso, sendo a natureza tão grandiosa, podemos nos surpreender com a quantidade de texturas, de cores, enfim uma infinidade de possibilidades, onde podemos admirar o quão belo a mesma se torna.

Muitos se utilizam de equipamentos poderosos para conseguir a tão sonhada foto em *close-up*¹, porém técnicas mais modestas podem tornar viável o objetivo de quem deseja produzir uma foto macro.

Sendo uma área da fotografia que explora ambientes microscópicos através de lentes macro, com o objetivo de capturar detalhes que não enxergamos ao olho nu, o sistema de macrofotografia alternativo, pode capturar imagens através de uma câmera compacta de celular com o auxílio de lente aproveitada de um *scanner*² quebrado. Utilizando a iluminação correta, esse sistema permite a visualização de muitos detalhes. Dessa forma, como a arte contemporânea nos permite explorar diversas áreas do conhecimento humano, fazendo pesquisas e buscando algo que foge do comum, é permitido ousar e buscar sentido nas obras e suas propostas, dando perspectiva na busca de novas experiências em arte, podendo assim inserir a macrofotografia e sua imensidão de possibilidades dentro deste contexto. Canton (2009, p.49) reforça que;

a arte contemporânea que surge na continuidade da era moderna se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte. Nesse campo de forças, artistas contemporâneos buscam sentido, mas o que finca seus valores e potencializa a arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano.

Com essa permissão da arte contemporânea, transportar o olhar curioso das pequenas coisas da natureza para dentro da obra.

Gleiser (2005, p.16) nos faz olhar para este universo:

Olhamos em torno e, se temos a sorte de não estarmos confinados ao concreto urbano, vemos a diversidade da vida, a simetria das flores, o voo impossível do besouro, o bater das asas do beija-flor, a cobra que se larga ao sol, rendida ao seu calor, o peixe que pula no rio, fugindo talvez de outro maior. Vemos o universo e a vida entrelaçada na dança da criação.

¹ close up: aproximar-se. Disponível em: <http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/close-up>. Acesso em :09/07/2014

²Scanner: Aparelho eletrônico utilizado para ler e gravar alguma imagem. Scanner de mesa acoplado ao computador utilizado para transferir alguma foto ou documento para o computador. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/scanner/>. Acesso em: 09/07/2014

Olhar minuciosamente cada detalhe, cada simetria dessa diversidade que Gleiser nos fala se faz necessário para desvendar o que existe ao nosso redor, o que normalmente passa despercebida.

A imagem que é revelada através da macrofotografia nos mostra um evento que é fragmento da realidade, onde podemos observá-la viva no momento em que a contemplamos. Catanho discursa que: “A imagem é em si um elemento de enunciação discursiva. A união de duas ou mais imagens, no entanto, pode gerar um sentido diferente dos que teriam as imagens isoladas”. (2007, p.83)

Dessa forma entende-se que cada imagem tem um sentido único, porém se colocadas em conjunto teremos um sentido muito maior.

Com isso, para que a poetização nas formas e imagens possa ser capturada e podemos mostrar essa inquietação que a macrofotografia nos mostra, se tornando pertinente na contemporaneidade.

Mas o que é imagem e como fazer com que a outra pessoa consiga enxergar a ideia da macrofotografia nos seus mínimos detalhes?

Segundo Santaella e Nöth (2008, p.13); “imagens têm sido meios de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escritura”.

E ainda Santaella e Nöth (2008, p.13);

Enquanto a propagação da palavra humana começou a adquirir dimensões galácticas já no século XV, de Gutenberg, a galáxia imagética teria de esperar até o século XX para desenvolver. Hoje na idade vídeo e infográfica, nossa vida cotidiana [...] está permeado de mensagens visuais, de uma maneira tal que tem levado os apocalípticos da cultura ocidental a deplorar o declínio das mídias verbais.

Podemos perceber que uma imagem pode dizer muito dela mesma porque reproduz uma aparência similar ao que foi reproduzido e dessa forma mostrar e aguçar o olhar das pessoas para a fotografia-macrofotografia como Gleiser nos remete: [...] “sei que não só o macro cabe no micro como o Universo é uma gota. Talvez uma gota em um infinito oceano de universos” (2005, p.594).

Este oceano de possibilidades dentro da macrofotografia é o que podemos revelar dentro da obra de arte.

Para se tornar ainda mais promissor, o capítulo a seguir mostrará a pesquisa realizada para a contemplação do trabalho artístico.

6 O COMEÇO DA PESQUISA- ENTRE O OLHAR E A POÉTICA

Meu tema de pesquisa surgiu das experiências vividas na Oficina de Arte “Gambiarra” coordenada pelo Artista Diego de Los Campos que na época estava com a sua exposição intitulada “Simpatia” na cidade de Criciúma-SC. Nessa oficina aprendemos a aproveitar sucatas eletrônicas para usá-las como acessórios de câmeras fotográficas profissionais, semiprofissionais e compactas.

O Artista Contemporâneo Diego de Los Campos, explora muitas linhas de pesquisa sobre o assunto, busca sempre fazer experimentos em diversas áreas, explora a pintura, o desenho, a eletrônica e a robótica. Foi em um de seus artigos que me fez querer explorar a macrofotografia para a pesquisa em arte contemporânea. Dessa forma ele (De Los Campos, 2003) dialoga em seu artigo;

Outro dia eu acordei com uma fome diferente, era uma ideia martelando desde o travesseiro: queria ver o mundo bem, bem de perto. Como se eu fosse um pequeno inseto, navegar entre texturas, descobrir novas paisagens. Algo entre o visto por uma lente macro e um microscópio.

A partir dessa fala pensei e refleti sobre esta pesquisa: Porque não mostrar a natureza em seus menores detalhes? Como mostrar as pessoas este universo e propor a eles que viagem e visualizem estes detalhes que eu consegui observar, através da macrofotografia?

Para Gleiser (2005, p.16), “é impossível não se maravilhar com o mundo. Olhamos para o céu noturno, repleto de estrelas, cada uma um sol, a maioria rodeada de planetas, alguns deles talvez até com vida”.

Então, nesta perspectiva, minha pesquisa começou a tomar forma e os detalhes deste mundo macro, utilizando-se da fotografia para mostrar este universo infinito de detalhes e texturas que normalmente não enxergamos.

A fotografia teve um grande impacto sobre a arte no século XIX como Canton relata; “Agora a fotografia podia cumprir essa função, dando ao artista a liberdade de criar e realizar novas pesquisas e experimentos com seus pincéis, suas mãos e seus olhares.” (2009, p.19).

Portanto, aliando-se a arte, a fotografia nos trouxe o novo e com ela possibilidades de uma arte real com imagens reais.

Contudo, percebemos que as artes em torno da fotografia caminham juntas e é neste ponto que me interessei sobre esta “arte”, mais exclusivamente com os avanços tecnológicos pelo o que ela pode proporcionar, capturando grandes ou minúsculos objetos.

Abaixo algumas imagens que foram tiradas com lentes alternativas para a pesquisa no ano de 2013:

Figura 4 – Miolo da flor de Arnica, 2013.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 5 – Flor do Mato, 2013.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 6 – Miolo flor de picão, 2013.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 7 – Mato, 2013.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 8 – Mato, 2013.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 9 – Pedra brita, 2013.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 10 – Miolo do Dente-de-leão, 2013.



Fonte: Acervo pessoal

6.1 A INVESTIGAÇÃO EM TORNO DO NOVO MUNDO

Tornou-se um caminho a ser percorrido, a busca pela criação. Onde e o que fotografar tornou a investigação do mundo micro para o macro muito instigante. Várias foram as barreiras, a exemplo, como tornar todas as imagens em uma produção artística. Como já havia iniciado minha busca no ano anterior, muitas imagens tinham sido capturadas através de lentes provenientes de câmeras antigas.

Porém, minha busca pela definição do que colocar na obra ainda não havia sido feita. Muitos objetos da natureza criaram formas e ideias foram surgindo ao longo deste caminho.

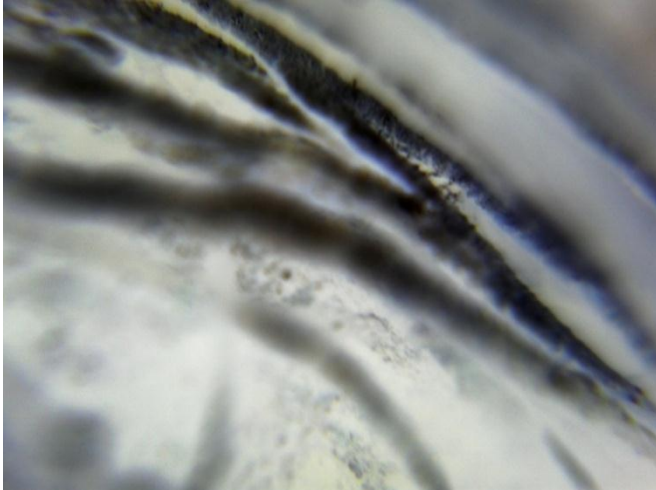
Meira (2003, p.39) fala sobre imagem:

A imagística contemporânea resulta da conjugação de meios que aliam ciência e técnica, que constroem um real exprimível e manipulável pelo itinerário das telas de projeção e eventos que aliam tempo e espaço. O imaginário precisa traçar um caminho próprio adaptando-se a essas condições. Num universo avaliado por sua capacidade de mostrar, as comunicações transformam-se em viagens do olhar. A aventura do olhar científico tenta tomar posse dos segredos de tal percurso, fazendo-se especular.

Neste sentido, como Meira instiga, minha pesquisa tornou-se o caminho do meu imaginário, adaptando-se as condições que me eram impostas, mostrando na viagem do meu olhar o segredo do percurso.

Abaixo, podemos vislumbrar mais algumas imagens do trabalho e percurso que tive ate chegar à conclusão da obra.

Figura 11 - Textura de um graveto com espessura um pouco maior que um fio de cabelo, 2013.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 12 - Miolo de uma flor de 2 mm, 2013.



Fonte - Acervo pessoal

Figura 13 - Folha da flor de 2mm, 2013.



Fonte - Acervo pessoal

Figura 14 - Textura microscópica de uma folha seca, 2013.



Fonte - Acervo pessoal

Figura 15 - Formiga retorcendo1, 2013.



Fonte - Acervo pessoal

Figura 16 - Formiga retorcendo 2, 2013.



Fonte - Acervo pessoal

Dentro destas imagens percebi que ainda não havia encontrado a imagem que satisfizesse o desejo de contemplação da obra, queria algo grandioso, queria poetizar o registro fotográfico através de elementos que não estamos acostumados a enxergar a olho nu, porém a busca continuou.

Meira (2003, p.53) explica que:

Vemo-nos sim por olhares que retemos, ou modificamos, ao formar a coleção de imagens sobre nossos atos a reter no pensamento. Ver significa o poder de não estar em contato e de evitar no contato a confusão. Significa que a separação do corpos faz-se, apesar disso, reencontro, pelo vínculo da imagem.

É esse encontro com a imagem que neste momento ainda não havia encontrado, desconstruir e reconstruir meu olhar a partir deste momento se fez necessário para por em prática o ato criador.

6.2 ANÁLISE

Nas fotografias em *close* máximo o espectador frui com a obra numa experiência abstrata, não identificando figuras e reagindo às formas, cores e texturas como estímulos visuais.

Na medida em que percorre o trabalho artístico o olhar em direção as imagens onde o objeto fotografado se torna mais perceptível, em termos de escala, surpreende-se com a descoberta que se trata de um objeto conhecido. Pratica um exercício de memória e associação de signos e age de acordo com sua própria formação. Hora com espanto e também estranhamento.

Desta forma percebemos que o trabalho artístico é capaz de estimular reações diversas no público e cada um tem a sua reação ao se deparar com a mesma.

Duarte Jr. (1986) fundamenta dizendo que:

[...] a experiência estética depende de um aprendizado. Afinal, a beleza é uma garota sensual e refinada que não vai se entregando assim sem que desprendamos um mínimo de esforço. A este respeito, note ainda um fato importante. À medida que vamos nos tornando familiarizados com os códigos estéticos, nossa própria maneira de sentir vai se refinando, ou seja, tornando-nos progressivamente mais sensíveis às sutilezas de nossa vida interior, aos meandros de nossos sentimentos.

A experiência estética torna-se um aprendizado tanto para o autor da obra quanto ao expectador, desvelando o mundo fantástico de cores e texturas que um pequeno objeto ou mesmo um inseto, ou flor, enfim, tantas outras coisas que podem ser vistas apenas com a potencialização da máquina fotográfica e trazer o olhar do fotógrafo em questão para a visibilidade. Dessa forma a familiarização das formas torna-se, como Duarte Jr. se refere, mais sensível às sutilezas de nossa vida interior.

Podemos citar as obras de Duchamp (Figuras 17 e 18), onde o mesmo provoca uma inflexão justamente no campo da estética: desaparece a busca por uma imanência do valor estético em certos objetos, que conteriam 'naturalmente' os atributos da arte. Não se trata mais de produzir uma obra de arte para que ela comunique seu 'conteúdo' artístico, mas de perceber que a arte é um conceito.

Cauquelin (2005, p. 98) argumenta que [...] "o observador faz parte do sistema que observa; ao observar, ele produz as condições de sua observação e transforma o objeto observado".

Figura 17 - Marcel Duchamp (1917)



Fonte: Ready-made

Figura 18 - Marcel Duchamp- Roda de bicicleta (1913)



Fonte: Ready-made

Assim, ao observar as obras de Duchamp, podemos perceber a desconstrução que o mesmo faz, reconstruindo novos olhares para objetos que antes não teriam nenhum valor e que colocadas para apreciação, nos revelam outros caminhos que a arte pode percorrer, um olhar para o mundo de outra forma.

Fotografar um objeto minúsculo com lentes de macro e expor essas fotografias em escala enorme, em um local apropriado para a observação numa sequência que exige do observador uma série de sensações, também se caracteriza como um ato de se apropriar de algo fora do convencional para então expô-lo a outras formas de olhares.

7 OBRAS- UM OLHAR PARA O NOVO MUNDO

Para estruturar o projeto, a pesquisa de campo foi em busca de onde fotografar, qual seria o lugar a ser explorado. Lugares exóticos foram pensados, onde encontrar algo muito diferente para colocar na produção artística, como florestas, praias, pedras, enfim, algum lugar emocionante. Mas pensando em um universo macro tudo seria possível, então percebi que a procura em questão, estava bem ao alcance, o quintal de minha casa. Tudo ali, pensando em termos de fotografia de macro, é desconhecido, o que vejo no dia a dia são imagens amplas em grande angular. Olhando através do universo macro podemos ver criaturas, texturas e formas que nunca pensamos ter acesso até esse momento. Com meu celular e lentes acopladas consegui ter o poder de enxergar profundamente e me deparei com um mundo encantado, onde há muito a ser explorado. Ali posso ver criaturas que parecem gigantes através da perspectiva do olhar da lente, monstruosas, plantas com formas incríveis.

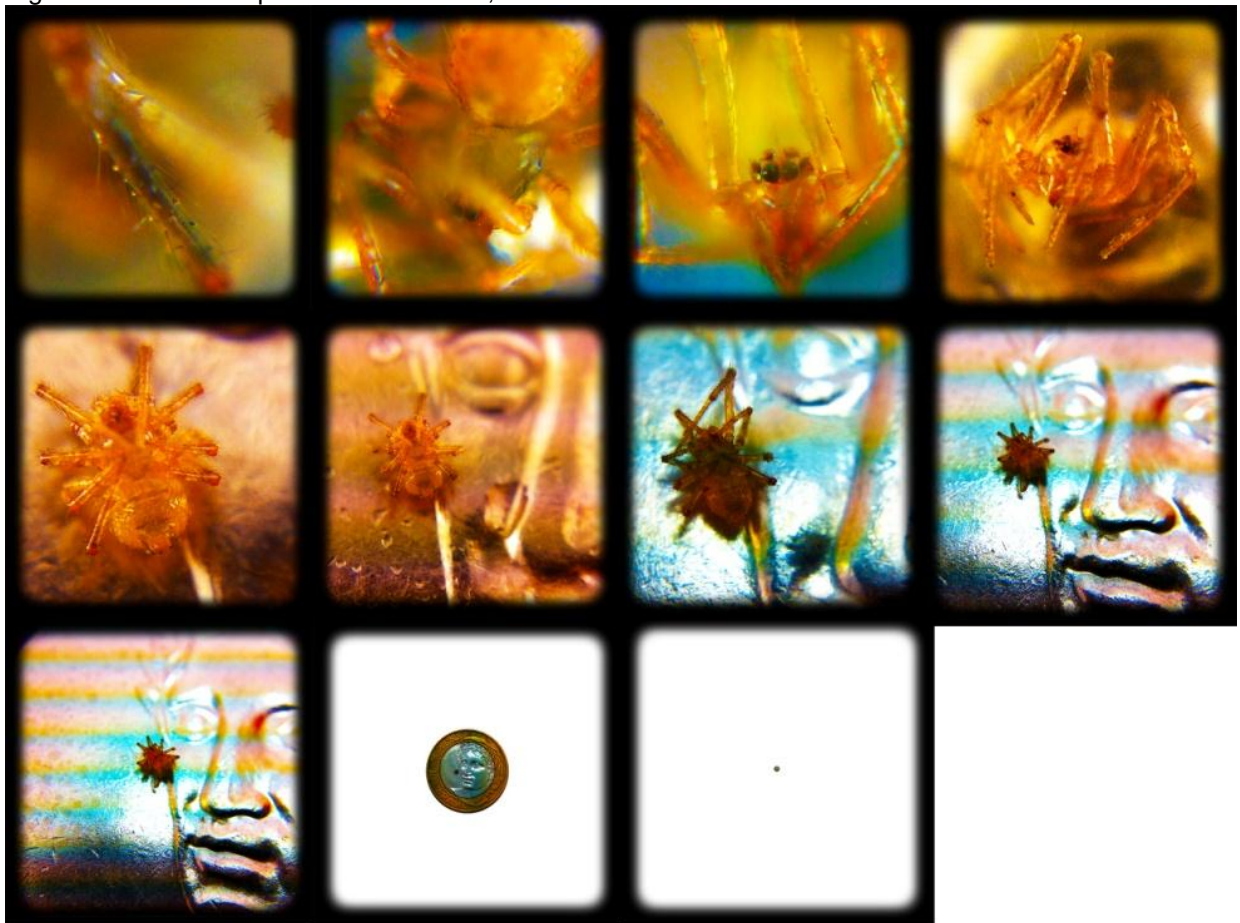
Tudo isso aguça muito a vontade de pesquisar cada vez mais, me faz refletir sobre o universo em um todo, sobre como temos que respeitar todos os tamanhos, os micro e macro.

Neste processo da criação, a obra foi tomando corpo e completando minha pesquisa. Quero estimularas pessoas a ver o que temos ao nosso redor, apresentado uma pequena amostra da grande quantidade de informações que a natureza nos fornece.

Deste modo, Ostrower (2003, p.55) define que: “em dados momentos de nossa vida, a criatividade parece fluir quase que por si e dotar nossa imaginação com um poder de captar de imediatos relacionamentos novos e possíveis significados”.

Podemos observar na figura 16 o término da produção artística, ela mede 17 metros de comprimento, por 1,5m de altura, sendo este tamanho programado para o espaço expositivo. A obra é composta por 11 quadros, os quais mostrarão desde um pontinho no tecido até os mínimos detalhes de uma pequena aranha.

Figura 19 - Um olhar para o novo mundo, 2014.



Fonte: Acervo pessoal

Esta produção tornou-se muito importante, pois mudou o meu olhar em torno da investigação que temos ao realizar em qualquer trabalho.

Meira (2003, p.53) reforça:

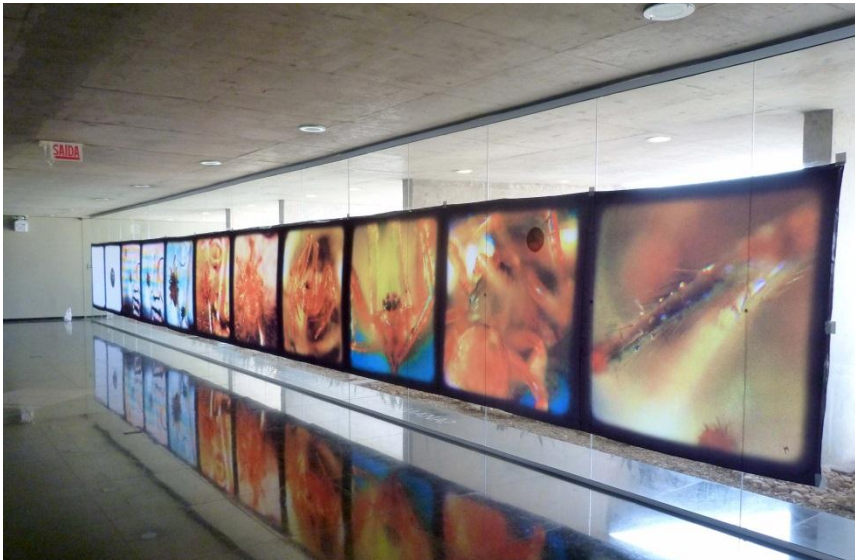
A arte funciona, ante o fascínio das imagens, como uma força de resistência [...] por suas formas, pelos gestos que suscita. Para dar sentido ao sensível que há no visível, no sentido que nasce de pensamentos em imagens. Algo que vinculado a saberes se faz signos de arte.

Coloquei sobre a moeda um pequeno inseto com medida de um milímetro aproximadamente, que encontrei no quintal de minha casa com a ajuda de uma lupa, levei ambos ao estúdio que elaborei.

Fotografei a composição em tamanho real e fui ampliando com o auxílio de lentes acopladas na câmera do celular que usei no caso o Iphone 4s com resolução de oito megapixels, até aproximar o máximo possível. Com isso consegui fotografar as texturas do inseto que estava sob a moeda.

Selecionei as melhores fotos com base nos detalhes e nitidez, no programa Adobe Photoshop cs5 melhorei os contrastes e saturação, criei um fundo e quadro para cada foto colocada em sequência. O resultado (Figura 20) foi impresso em um tecido de microfibras composto de cem por cento poliésteres, de dezessete metros de comprimento por um e meio de altura, em que cada quadro de imagem possui um metro e meio por um metro e meio, totalizando onze quadros estampados do maior para o menor. As imagens apresentadas seguem uma sequência de redução, começando do detalhe e diminuindo gradativamente o zoom sobre o objeto, mostrando a composição completa no final da produção artística em questão.

Figura 20 - Produção artística na exposição 25/06/2014



Fonte: Acervo pessoal

8 CONCLUSÃO

A pesquisa começou com o tema sobre macrofotografia e arte, envolvendo o problema: De que forma a poética do registro fotográfico de elementos que o olho humano não vê, dialoga com a produção artística contemporânea e como esse diálogo poderia vir a alimentar novas produções?

Os objetivos foram de explorar novas possibilidades de arte através da fotografia, perceber como a macrofotografia é vista na arte contemporânea, avaliar ao longo da história da arte como a fotografia se inseriu neste contexto e elaborar uma produção artística contemporânea a partir dos estudos e testes realizados sobre a fotografia e a macrofotografia, procurando entender de que modo, através da arte digital, o olhar artístico seria exercitado para futuras produções.

Também foi proposto fazer fotos de ambientes microscópicos e manipular digitalmente com o programa Photoshop, buscando imagens instigantes que através do olhar fotográfico construiria a obra.

A proposta foi de utilizar materiais de baixo custo para potencializar a câmera de um celular, onde obtive êxito, pois encontrei em câmeras antigas o recurso necessário para o trabalho proposto. Percebi que a iluminação adequada agregou valor ao objeto fotografado e a manipulação digital me ajudou a obter as imagens desejadas, transformando-as em uma produção artística.

Ao retomar minha pesquisa, percebo que a macrofotografia é usada de diversas formas, principalmente para a ciência, mas na arte contemporânea não é muito comum este tipo de trabalho, onde se tornou mais desafiadora a proposta.

A arte tornou-se para mim um universo a ser explorado, principalmente onde a maioria não pode ver, o universo microscópico.

O caminho percorrido durante este curso de artes visuais me ajudou a entender e idealizar os projetos que sempre povoaram meus pensamentos.

Um verdadeiro exercício, onde as ideias fluíram, se construíram e também desconstruíram o fazer artístico que habita em mim. A experiência deixou de ser um propósito para ser apenas o começo da transformação pessoal e investigativa, e espero que este trabalho motive outras pessoas a imaginarem o mundo com outro olhar. Um olhar para o novo mundo.

Assim, finalizo esta pesquisa reconhecendo que existe muito mais a ser explorado. Existe aí fora um mundo gigantesco em objetos microscópicos ao nosso alcance, basta desconstruirmos nosso olhar para uma dimensão micro ou macro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Entre a Ciência e a Sapiência**. 13ª. Ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005. 148 p.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDELAIRE, Charles. **O público moderno e a fotografia**: Sr. Diretor da Revue française sobre o Salão de 1959. Disponível em: <http://www.entler.com.br/textos/ baudelaire2>. Acesso em: 09/07/2014.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1996. 253 p.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 136 p. (Coleção história e reflexões,4)
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004. 150 p.
- CAMPOS, Diego de los. **Fome, diversão e arte**. BLOG. 2003. Disponível em: <diegodeloscamos.wordpress.com/fome-diversao-e-arte/>. Acesso em: 06/06/2014
- CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 57 p. (Temas da arte contemporânea)
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CATANHO, Fernanda Jansen Mira. **A edição fotográfica como construção de uma narrativa visual**. Discursos fotográficos, Londrina, v.3, n.3, p.81-96, 2007. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/.../1240. Acesso em 19/05/14.
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77p.
- COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. 1ª Ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2010. (coleção arte & fotografia).
- ECO, Umberto. História da beleza. Rio de Janeiro: Record, 2004. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- ENTLER, R. **Retrato de uma face velada**: Baudelaire e a fotografia. In: Revista da faculdade de comunicação da FAAP nº17, 2007, p.4-14. Disponível em:

http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/entler.pdf Acesso em : 26/05/14.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia e Arredores**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009. 320 p.

FIGUEIREDO, Suelen. Vik Muniz. **Revista Fotografia**, 2010. Disponível em: <<http://www.revistafotografia.com.br/vik-muniz/>>. Acesso em 09/07/2014

GLEISER, Marcelo. **Micro Macro**: Reflexões sobre o homem, o tempo e o espaço. São Paulo: Publifolha, 2005.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética I**. 2º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Pulo, 2001.302p.

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **Macrofotografia**: Juarez Silva / Instituto Arte na Escola ; autoria de Tarcísio Tatit Sapienza ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006. (DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 49)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **O belo / Instituto Arte na Escola**; autoria de Solange Utuari ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2010.

KONESKI, Anita Prado. **A “outridade” no êxodo**: fotografias de Sebastião Salgado. Disponível em: http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis11/Poiesis_11_outreidade.pdf. Acesso em: 24/05/14.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 173 p.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.1986. 109 p.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem**: Fotografia e história interfaces. Tempo: Rio de Janeiro, vol.1, nº2, 1996.p. 73-98.Disponível em : http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em 20/05/14.

MEIRA, Marly. **Filosofia da criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.142 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 16. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1994.

MÓDOLO, Devair. **Mundos Paralelos** – A Outra Face da Terra. 1ª. Ed. São Paulo: Editora Biblioteca 24 horas, 2009.

MONTEIRO, Charles (Org.). **Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 132 p. (Serie mundo contemporâneo). Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/fotografia.pdf>

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 17. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 187 p.

PHILIP, Tacio. **O que é macrofotografia?** Revista Macrofotografia. 1ª ed. p. 8-12. 2003. Disponível em: www.revistamacro.com.br/pdf/revista_macrofotografia_01_96dpi.pdf. Acesso em: 06/06/2014

SANTAELLA, Lucia. NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/149531557/Imagem-cognicao-semiotica-midia-Lucia-Santaella>. Acesso em 03/05/14.